Dia 17 — Santo Aleixo, Confessor

Celebra a Igreja neste dia a festa de Santo Aleixo, tão conhecido pelo generoso desprezo que fez dos gostos e conveniências desta vida e pela heroica vitória que conseguiu da carne e do sangue.

Nasceu em Roma pela metade do quarto século, sendo imperador Valentiniano I. Seu pai foi Eufemiano, um dos mais ricos e mais ilustres senadores da cidade; sua mãe, Aglaé, cuja nobreza era igual e em tudo correspondente à de seu esposo; mas ambos mais recomendáveis por sua notória virtude que por seu nascimento nem por seus bens de fortuna. Sua casa era o abrigo de todos os pobres, e sua caridade parece que não podia chegar a mais. Afora as muitas esmolas secretas que repartiam entre os pobres honrados e envergonhados, cada dia davam de comer a trezentos ou quatrocentos à porta de sua casa; de maneira que todas as suas grandes rendas se consumiam em esmolas. Inclinava-os mais a esta misericordiosa liberalidade o acharem-se sem sucessão; mas por fim lhes concedeu o céu um filho que desde logo consideraram como fruto de suas esmolas e de suas orações.

O nascimento de Aleixo encheu de gozo toda a família; mas a santidade de sua vida a cumulou com o tempo de glória e de esplendor. Passou os primeiros anos de sua infância em companhia de seus pais, cujos exemplos e cuja doutrina eram igualmente eficazes para gravar em seu terno coração o amor a todas as virtudes. Puseram o maior cuidado em buscar-lhe mestres que fossem tão hábeis na ciência dos santos como nas ciências humanas. Fez nestas em muito pouco tempo tão extraordinários progressos que acreditou bem a excelência de seu engenho; e, como por outra parte era de índole suave e aprazível, de muita vivacidade e de rara penetração, acompanhado tudo de uns modos naturalmente gratos e cortesãos, em poucos anos foi a admiração da cidade e da corte.

Mas tudo isto lhe fazia pouca impressão. Ao passo que ia crescendo em sabedoria, crescia também em virtude, e desde logo se reconheceu o tédio e o desgosto às coisas do mundo que lhe inspirava sua terna devoção. Por isso mesmo se apressaram seus pais em fazê-lo tomar estado; e, significando-lhe o desejo que tinham de casá-lo quanto antes, deu seu consentimento. Tanto por seu nascimento como por seus grandes bens e por sua notória virtude, proporcionou-se-lhe com a maior facilidade a mais apreciável conveniência: era uma donzela romana da primeira qualidade, em quem competiam a virtude e a formosura, formada, ao que parecia, expressamente pelo céu para coroar as felicidades daquela ilustre família. Havia condescendido Aleixo com a vontade de seus pais precisamente pelo respeito que lhes professava e pelo medo de não os desgostar com a resistência; em cuja consideração o casamento que se acabava de celebrar com grande solenidade não lhe entibiou o fervoroso desejo de ser todo de Deus, sem repartir o coração com criatura alguma.

Acendeu-se-lhe mais este desejo logo que se desposou; e tomou a generosa resolução de romper de uma vez todos os laços que podiam aprisioná-lo no mundo. Persuadiu-se de que só a fuga lhe podia facilitar a execução de seu generoso intento; e o mesmo Deus que lha inspirou o sustentou nela. Enquanto a casa de Eufemiano se afundava, por dizê-lo assim, com a festa do casamento, e enquanto toda a cidade concorria a ela, interessando-se toda em seu justo regozijo, entrou Aleixo no quarto de sua esposa, apresentou-lhe um anel e uma fita de inestimável valor, suplicou-lhe que se servisse admitir aquela curta demonstração como uma prenda de seu terno amor e, sem dizer-lhe mais, retirou-se; saiu secretamente da casa de seus pais e, dirigindo-se disfarçado ao porto, meteu-se num navio que estava para partir e fez-se à vela para Laodiceia.

Tardou pouco em saber-se a inesperada fuga de Aleixo. Converteu-se a casa de Eufemiano em pranto e em clamores, pondo-se toda em movimento. Buscam-no, informam-se, perguntam, examinam, despacham próprios a todas as partes; mas tudo inutilmente. Estava já Aleixo em alto-mar quando o andavam buscando dentro de Roma. Não cabe na ponderação a dor de seus aflitos pais quando perderam de todo as esperanças de ter notícias dele; tudo era pranto, soluços e suspiros; o pai submerso na aflição, a mãe sem consolo, a mulher jovem e desamparada, dia e noite desfazendo-se em lágrimas; só se explicavam pelos olhos, e, se pronunciavam alguma palavra, eram estas: «Onde estás, nosso querido Aleixo?» Entretanto chegou o santo a Laodiceia e, temendo ser conhecido nesta cidade, partiu a pé para Edessa, onde resolveu fixar seu assento, como povoação muito a propósito para viver desconhecido e numa extrema pobreza. Repartiu entre os pobres o que lhe havia ficado e entregou-se nas mãos da Providência. Por ser estrangeiro, pelo ar de simplicidade que afetava, pelo pobre e andrajoso de seu vestido, logrou boa colheita de insultos e desprezos. Olhavam-no como a um homem sem moradia e sem ofício, como a um ocioso e vagabundo, pelo que lhe davam esmola com dificuldade e de má vontade. Os meninos o escarneciam, o vulgo o ultrajava, e naquele geral abatimento triunfava Aleixo, inundado seu coração numa santa alegria, vendo-se farto de opróbrios, à imitação de seu divino Mestre.

Por sua terna devoção à Santíssima Virgem, que havia mamado com o leite e havia crescido com a idade, escolheu a igreja de Nossa Senhora para sua residência ordinária. Pedia esmola à porta desta igreja algumas horas do dia e as demais as passava em oração. À noite dormia no pórtico dela, estendido na dura terra.

Era muito contrário este gênero de vida àquela em que se havia criado, e assim em breve tempo se desfigurou de maneira que não era possível conhecê-lo. Chegaram a Edessa em busca sua alguns criados de seu pai, com a notícia que tiveram de que um mancebo se havia embarcado para o Oriente; conheceu-os ele muito bem, pediu-lhes esmola e deram-lha sem saber a quem a davam. Não esteve longo tempo escondida uma virtude tão extraordinária; deu-se a conhecer, apesar de seus andrajos e de suas diligências para ocultá-la, confundindo-se com a gente mais vil e afetando grosseria em seus modos. Correu a voz pela cidade de que o estrangeiro que pedia esmola à porta da igreja de Nossa Senhora não era o que parecia. Cada um contava o que havia notado nele: uns exaltavam sua modéstia e sua doçura; outros seu recolhimento, sua devoção, sua humildade e sua paciência. Tudo isto servia de mortificação a nosso santo, fazendo-se-lhe intolerável a estima com que o começavam a tratar; mas o que aumentou mais sua reputação, e o que acrescentou também a dor a sua humildade, foi o milagroso testemunho que o mesmo Deus quis dar de sua virtude. Considerando um dia o sacristão de Nossa Senhora a humildade, o agrado,

a constância e o contínuo exercício de oração que havia observado em Aleixo, ouviu uma voz que lhe pareceu sair do simulacro da Santíssima Virgem, colocado sobre a porta, a qual lhe dizia que aquele pobre que nunca se apartava do pórtico da igreja era um grande servo de Deus, cujas orações podiam muito com o Senhor. O bom sacerdote, que já de antemão o olhava com veneração, fez-lhe grandes instâncias para que admitisse um quarto em sua casa, oferecendo assisti-lo com tudo o necessário para a vida.

Sobrado era isto para sobressaltar a humildade do servo de Deus; mas o que por último o determinou a deixar um país onde era já tão honrado foi outro segundo testemunho que deu o Senhor da santidade de seu servo; porque, achando um dia fechada a porta da igreja, ouviu o porteiro a mesma imagem, que lhe dizia: «Abre e deixa entrar o homem de Deus, cujas orações são tão bem recebidas no céu»: milagroso sucesso que, estendido por toda a cidade, obrigou Aleixo a sair dela quanto antes. Embarcou no primeiro navio que se fez à vela, suplicando ao Senhor que o encaminhasse aonde fosse sua vontade. Era o intento do capitão e da tripulação partir para Laodiceia, e o pensamento de nosso santo trasladar-se dali a Tarso; mas uma furiosa tempestade levou o navio às costas da Itália e meteu-o no porto de Roma.

Conheceu então Aleixo que Deus o havia conduzido a seu mesmo país para dispô-lo a uma vitória muito mais gloriosa que todas as antecedentes. Em força desta luz, resolveu entrar em Roma para viver nela como havia vivido em Edessa; e, querendo o Senhor dar a sua Igreja um exemplo do mais perfeito desprendimento que se havia visto até então e a prova mais sensível do que pode sua graça, inspirou-lhe a resolução de ir diretamente à casa de seus mesmos pais, sabendo a caridade com que eram recebidos nela todos os pobres. Cheio de valor e de um fervoroso desejo de corresponder com fidelidade ao interior impulso da graça, chegou à porta do palácio de Eufemiano e, aproximando-se dele quando voltava do senado, disse-lhe: «Senhor, tende piedade deste pobre de Jesus Cristo e permiti que se recolha em algum canto de vosso palácio, que Deus vos pagará esta grande caridade.» Enterneceu-se extraordinariamente Eufemiano ao ouvir aquela humilde súplica e, admirado ele mesmo de não poder conter as lágrimas à vista daquele pobre estrangeiro, deu ordem a um criado de que o alojasse em algum canto e cuidasse de dar-lhe de comer todos os dias. Não gostou muito o criado de tal ordem, tendo-a por sobrecarga; e, olhando com ceño o pobre que lhe ocasionava aquele ligeiro trabalho, depois de fartá-lo de injúrias e desprezos, alojou-o num pequeno aposento muito escuro, debaixo da escada principal. Logo que Aleixo se viu nele, foi sua primeira diligência dar muitas graças ao Senhor por ver-se tão maltratado na mesma casa de seu pai.

Não é fácil explicar o muito que o santo teve que sofrer da insolência e da rusticidade dos criados por espaço de dezessete anos que lhe durou aquela vida. Tendo-o por algum escravo fugitivo, ou ao menos por um ocioso e vagabundo da mais vil canalha do povo, fizeram-no objeto e assunto de suas pesadíssimas zombarias; sua inalterável paciência e mansidão o qualificavam de estúpido; muitas vezes o deixavam sem comer e nunca lhe davam um triste bocado sem temperá-lo com alguma injúria. Aleixo, por sua parte, jamais estava mais contente que quando se via mais maltratado; mas, não se dando por satisfeito com isso, aos maus-tratos dos outros acrescentava ele rigorosas penitências. Sua cama era a terra; seus móveis um crucifixo; seu jejum contínuo; seu alimento pão e água, e isso com tanta escassez que não se compreendia como podia viver; sua ocupação de dia e de noite era a oração. Nunca saía para ir a outra parte que à igreja; comungava

todos os domingos; e as doces lágrimas que derramava eram efeitos do divino fogo que abrasava e derretia seu coração.

Mas nem a dureza dos criados nem o rigor de suas penitências era o que o mortificava mais; o tormento mais terrível e a maior dor que despedaçava seu terno coração era o de ter sempre à vista um pai aflito, uma mãe inconsolável e ouvir incessantemente os ais e os suspiros de uma esposa que mil vezes ao dia pronunciava o doce nome de Aleixo. Como tinha perpetuamente diante dos olhos estes objetos tão lisonjeiros como tentadores, a cada momento se renovavam em seu amoroso peito os naturais impulsos do amor e da ternura; mas acudia imediatamente à oração: protegia-o a Santíssima Virgem; sustentava a graça seu valor e dava-lhe forças para resistir a tão porfiados e tão furiosos assaltos.

Depois de dezessete anos de tantas vitórias como combates, quis, enfim, premiar o Senhor a heroica fidelidade de seu grande servo. Sabendo por revelação divina o dia e a hora de sua morte, sentiu-se fortemente inspirado de Deus para manifestar ao mundo as maravilhas da graça, escrevendo ele mesmo a história de sua vida, que com tanto cuidado havia escondido a seu conhecimento. Fê-lo assim, expressando individualmente num papel todos os passos de sua vida, seu nome, o de seus pais, o presente que fez a sua esposa no dia do casamento, com todas as circunstâncias mais minuciosas de sua infância e de sua educação; fechou-o, apertou-o na mão, pôs-se em oração e, cumulado de merecimentos, passou docemente ao descanso do Senhor.

Ainda não se sabia sua morte, a tempo que Eufemiano se achava na igreja de São Pedro assistindo à missa que celebrava o papa Inocêncio I em presença do imperador Honório, onde se ouviu uma milagrosa voz que dizia: «Acaba de expirar o servo de Deus: é grande seu poder, e morreu em casa de Eufemiano.» Foi geral o assombro; mas mais que todos se surpreendeu Eufemiano, o qual, aproximando-se do imperador, disse-lhe: «Senhor, se é certo o que nos anuncia esta voz, o santo não pode ser outro que um pobre estrangeiro a quem muitos anos faz que recolhi em minha casa por caridade.»

Logo que se acabou a missa, o papa e o imperador, seguidos de inumerável gentio, dirigiram-se à casa do senador Eufemiano. Acudiram imediatamente ao pequeno aposento do servo de Deus e o acharam morto, estendido no chão. Ao mesmo tempo que todos os concorrentes estavam preocupados dos primeiros movimentos de respeito e de veneração, reparou-se que tinha um papel fechado na mão. A ânsia e a curiosidade de saber o que continha moveu Eufemiano a querer tomá-lo; mas não pôde arrancá-lo. Mandou o papa que todos se pusessem de joelhos; e, ditas algumas orações, ele mesmo o tirou sem dificuldade e o entregou a Aécio, chanceler da Igreja romana, mandando-lhe que o lesse em alta voz. Não há palavras para explicar o assombro e a admiração de todos quando chegaram a entender que o imaginado estrangeiro era Aleixo, filho do senador Eufemiano; e se inteiraram de toda a história de sua portentosa vida.

Mais fáceis são de conceber os afetos das diferentes paixões que se apoderaram de todos os concorrentes, com especialidade de Eufemiano e de toda a sua família. Ao primeiro pasmo sucedeu imediatamente a admiração e o sentimento, o gozo e a dor; e, batalhando entre estes distintos afetos o coração daquele ditoso pai, arrojou-se sobre o corpo de seu filho, explicando-se não com palavras, mas com lágrimas e gemidos.

Enquanto se procurava arrancar o venerável ancião do santo cadáver, chegaram a mãe e a esposa do servo de Deus. Não é possível ver espetáculo mais terno; regaram o corpo com suas lágrimas, sem poder a princípio articular uma palavra, cortando-lhas o respeito e a dor; mas por fim, podendo a dor mais que o respeito, desafogaram-se as duas em queixas amorosas: «Filho meu Aleixo — exclamou a mãe —, é possível que ao menos não me tenhas deixado receber teus últimos suspiros?» «Esposo meu da minha vida — continuou a nora —, que te fiz eu para que me tenhas tratado assim?» «É possível — voltava a exclamar a mãe — que era meu filho aquele pobre que todos os dias tinha diante de meus olhos!» «É possível — voltava a dizer a nora — que aquele pobre tão mal sustentado e tão ultrajado era meu doce esposo e que não o tenha sabido eu até agora que já não está nesta vida!»

Estendida por toda a cidade a notícia desta maravilha, acudiu toda Roma ao palácio de Eufemiano, ansioso cada um de lograr o consolo de beijar, ou ao menos de ver, o santo corpo. Cresceu o concurso com os milagres que obrou Deus na mesma hora; e, embora se arrojassem moedas ao povo para divertir a gente e para que se retirasse, pôde mais a devoção que a cobiça; de maneira que não foi possível abrir passo pelo concurso para conduzir o cadáver à igreja até que os soldados o abriram com espada na mão. Acompanharam-no o papa, o imperador e todo o senado, convertendo-se os funerais num triunfo tão pomposo qual não o viu Roma semelhante. A princípio levou-se o santo corpo à igreja de São Pedro para que o povo lograsse a satisfação de vê-lo e de venerá-lo, e dali foi trasladado à de São Bonifácio, onde se havia desposado. Seu pai, sua mãe e sua esposa estiveram sete dias inteiros sem separar-se de suas relíquias. Ergueu-se-lhe um magnífico sepulcro, que tornou glorioso o Senhor com grande número de milagres, e com o tempo converteu-se em igreja de Santo Aleixo o palácio de Eufemiano, que estava no monte Aventino, onde ainda hoje se mostram alguns degraus da escada, debaixo da qual estava o pequeno aposento do santo, e também uma imagem de Nossa Senhora, que se diz ser a mesma que estava colocada sobre a porta da igreja de Edessa e falou ao sacristão em favor de Santo Aleixo.

Martirológio Romano

Em Roma, Santo Aleixo, confessor, filho do senador Eufemiano, o qual na noite de suas bodas abandonou sua casa sem conhecer sua esposa; e, tendo voltado à casa de seus pais depois de uma longa peregrinação, foi recebido nela como um pobre, vivendo como tal dezessete anos, enganando assim o mundo com santa astúcia. Mas, reconhecido em sua morte por uma voz ouvida nas igrejas e por uma cédula escrita de seu punho, foi transportado com a maior pompa pelo papa São Inocêncio I à igreja de São Bonifácio, onde se ilustrou com muitos milagres.

Em Cartago, a festa dos mártires Scilitanos, São Esperato, São Narzales, São Citino, São Vetúrio, São Félix, São Acilino, São Letâncio, Santa Januária, Santa Generosa, Santa Vestina, Santa Donata e Santa Segunda, que por ordem do presidente Saturnino foram presos e atados a uns pilares e, como se mantivessem firmes em confessar a Jesus Cristo, foram por último passados a cutelo. As relíquias de São Esperato foram trasladadas da África à França com os ossos de São Cipriano e a cabeça de São Pantaleão, mártir, e depositadas com muita veneração na igreja de São João Batista de Lyon.

Em Amástris, na Paflagônia, São Jacinto, mártir, que morreu no cárcere depois de ter padecido muito sob o presidente Castrício.

Em Tivoli, São Generoso, mártir.

Em Constantinopla, Santa Teodata, mártir, sob Leão, o Iconoclasta.

Em Roma, a morte de Leão IV, papa.

Em Pavia, São Enódio, bispo e confessor.

Em Auxerre, São Teodósio, bispo.

Em Milão, Santa Marcelina, virgem, irmã de Santo Ambrósio, bispo, que recebeu o véu de religiosa na basílica de São Pedro, em Roma, da mão do papa Libério, e cuja santidade é atestada por Santo Ambrósio em seus escritos.

Em Veneza, a trasladação de Santa Marina, virgem.

Em Châlonnes, em Anjou, São Hervé, confessor.

Em Sebaste, o martírio de Santo Atenógenes, corepíscopo em Pedachthoé, queimado pela fé, com quem padeceram também outros dez cristãos. As relíquias daquele foram levadas a uma igreja edificada nas margens do Eufrates.

No mesmo dia, o martírio de Santa Marina, natural de Antioquia da Pisídia, filha de Edésio, sacerdote dos ídolos, decapitada sob o prefeito Olíbrio.

Na Inglaterra, São Quenelmo, príncipe dos mércios, mártir.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Alexii, confessoris tui, annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade do bem-aventurado Aleixo, vosso confessor, concedei-nos que imitemos as ações daquele cujo nascimento ao céu celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 6 da primeira que o apóstolo São Paulo escreveu a Timóteo.

1 Timóteo 6,6-12

> **Latim:** [6] Est autem quæstus magnus pietas cum sufficientia. [7] Nihil enim intulimus in hunc mundum : haud dubium quod nec auferre quid possumus. [8] Habentes autem alimenta, et quibus tegamur, his contenti simus. [9] Nam qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, et in laqueum diaboli, et desideria multa inutilia, et nociva, quæ mergunt homines in interitum et perditionem. [10] Radix enim omnium malorum est cupiditas : quam quidam appetentes erraverunt a fide, et inseruerunt se doloribus multis. [11] Tu autem, o homo Dei, hæc fuge : sectare vero justitiam, pietatem, fidem, caritatem, patientiam, mansuetudinem. [12] Certa bonum certamen fidei, apprehende vitam æternam, in qua vocatus es, et confessus bonam confessionem coram multis testibus.

Português: [6] Mas a piedade he hum grande lucro com o que basta. [7] Porque nada trouxemos para este mundo: e he sem dúvida que não podemos levar nada d'elle. [8] Tendo pois com que nos sustentarmos, e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isto. [9] Porque os que querem fazer-se ricos cahem na tentação, e no laço do diabo, e em muitos desejos inuteis, e perniciosos, que submergem os homens no abysmo da morte, e da perdição. [10] Porque a raiz de todos os males he a avareza: a qual cubicando alguns se desencaminharão da fé, e se enredarão em muitas dores. [11] Mas tu, ó homem de Deos, foge d'estas cousas: e segue em tudo a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão. [12] Ha-te com valor no santo combate da fé, trabalha por levar a vida eterna, para a qual foste chamado, havendo tambem feito boa confissão, ante muitas testemunhas.

Nota

«São Timóteo era natural de Listra e, na opinião de Orígenes, parente de São Paulo. Antes que o Apóstolo entrasse naquela cidade, havia nela bastante número de fiéis; admitiu a Timóteo por discípulo e escolheu-o para companheiro de suas viagens; ordenou-o bispo de Éfeso e, pouco depois que o deixou nesta igreja, escreveu-lhe desde a Macedônia a primeira carta pelo ano 64 de Cristo.»

Reflexões

A concupiscência é a raiz de todos os males: alguns, deixando-se arrastar dela, descaminharam-se na fé e precipitaram-se em mil trabalhos e calamidades. Não acusemos, pois, a malícia de nossos inimigos nem a emulação de nossos competidores nem a malignidade dos invejosos na multidão dos funestos acidentes que nos fazem gemer. Não atribuamos nossos desgostos ao mau humor das gentes com quem vivemos; nós mesmos somos a única causa de nossos trabalhos e de nossas inquietações. Em nosso coração está o lago fatal de onde se levantam aqueles negros vapores que formam as nuvens, que turbam a serenidade de nossos dias e que frequentemente se resolvem em tão furiosas tempestades. A concupiscência é a triste origem daquelas impetuosas torrentes que inundam, que arrastam e arruinam os mesmos lugares onde se formam. Sufoca o amor dos deleites, apaga o desejo das riquezas, e logo lograrás uma grande calma; mas, se se deixam crescer as paixões, se se solta a rédea ao insaciável ardor da concupiscência, se não tem freio o orgulho nem a ambição reconhece limites, que dilúvio de males se hão de desgalhar precisamente sobre o coração! Entregue este como miserável presa às paixões, por necessidade há de ser sua triste vítima. E, se só se sacrificassem os bens, a vida e o sossego, algum dia poderíamos consolar-nos talvez desta perda; mas não há paixão que não fira a alma, todas conspiram contra nossa salvação. O primeiro efeito da concupiscência é obscurecer o entendimento, debilitar a razão e corromper o coração: corrompido este, quais serão os costumes? Qual será a fé, qual a religião de uns costumes estragados? A paixão ofusca o entendimento; dominando a concupiscência, nunca se veem os objetos como são. Em raciocínios naturais pode-se errar inocentemente; a opinião é mais universal que a ciência; mas em matéria de fé não há erro voluntário que não seja culpável, nenhum que não guie ao precipício, nenhum que não seja mortal. Descaminhas-te nesta matéria? Nada te deve afligir mais, já que Jesus Cristo te ensinou o verdadeiro caminho da salvação e te deixou regras infalíveis. Mas, afinal, para quem conhece a ligeireza do espírito humano e para quem sabe quão corrompido está o coração do homem, não é coisa incompreensível que uma vez desbarre; o que não se pode compreender é a teimosia com que se obstina em descaminhar-se em pleno dia; o empenho em querer dar mais assentimento a seu espírito que ao da Igreja. Tudo isto é obra da paixão; o primeiro fruto da concupiscência é a cegueira. Deixando-se arrastar daquela, desvia-se da fé, e ao menor desvio da fé afasta-se muito do verdadeiro caminho. Afoga a paixão, e cessarão as heresias; desterra a concupiscência, e a todos os hereges verás logo convertidos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores,

> aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da vida obscura

Primeiro ponto

Considera que é muito vantajoso, assim para a salvação como para a quietude, o nascimento humilde, a condição obscura e a vida privada e escondida. De quantos estorvos para a salvação e de quantos perigos se livra um homem de mediana esfera! De quantos desgostos se exime! Não, certamente; os grandes do mundo não são os mais ditosos. Talvez se falaria com maior propriedade se se dissesse que não há homens mais dignos de compaixão que os grandes do mundo. Já se sabe que os lugares mais altos são sempre os mais combatidos e agitados; nas montanhas mais elevadas não há abrigo, a não ser que por fortuna se ache alguma caverna ou o oco de uma penha para pôr-se a coberto dos torvelinhos e das borrascas. Por isso, se os buscas na história, acharás nela tantos grandes príncipes que, considerando todos os perigos inseparáveis de seu estado, as contínuas agitações, o tumulto eterno, a conspiração de todas as paixões, o afago tentador dos sentidos, o incentivo e a multidão dos objetos, todos à porfia mais e mais inimigos da graça, espantados assim do enganoso engodo do deleite como da amargura que o segue, desceram da fastidiosa elevação das honras para encontrar asilo num deserto ou no retiro de um claustro; preferiram a obscuridade de uma pobre cela a todo o esplendor, a toda a magnificência dos mais soberbos palácios e até do trono mesmo. E quem os censura de terem abraçado este partido? Ah, que todos admiram com justiça sua religião, todos exaltam sua generosidade e cada ano se repetem os elogios de sua prudência e de sua sabedoria! Pois neste feliz estado, pelo qual suspiraram aqueles ditosos grandes do mundo, que o buscaram e o acharam enfim à custa de mil estorvos e dificuldades, encontram-se naturalmente os que nascem sem especial distinção, sem muitos bens de fortuna, logrando a de desfrutar uma vida particular e desconhecida. Os primeiros, quantos combates tiveram que resistir, quantas dificuldades houveram de superar e quanto lhes custou aquela gloriosa vitória! Mas uma fortuna mediana, uns talentos escassos e comuns, uma honrada obscuridade livram de tantos embaraços e colocam o homem naquela tranquilidade,

naquela doce quietude em que quisessem morrer quase todos os que viveram cercados do fausto, da pompa e do esplendor. Ah, se conhecessem quanto vale sua obscura condição os que vivem nela, que pouco murmurariam da Providência, que pouco se queixariam dela! E que pouca inveja teriam aos grandes!

Segundo ponto

Considera que é preciso que seja mais estimável do que comumente se pensa uma vida sem fausto, sem esplendor, humilde e desconhecida, já que o mesmo Jesus Cristo a escolheu para si, com preferência à outra. É certo que por seu nascimento era ilustre, pois foi de sangue real; pôde viver com esplendor e com opulência; em cujo caso, se se olha com os olhos da prudência humana, teria sido muito mais seguido e teria tido muito maior número de discípulos; mas a Sabedoria divina pensou de outra maneira e lhe representou o estado pobre, humilde, obscuro e esquecido como muito digno de ser preferido aos mais brilhantes da terra. E com efeito, que estado mais próprio para o céu? Que caminho mais seguro, mais fácil nem mais tranquilo? Poucos santos deixaram de solicitar a obscuridade; nenhum houve que não fugisse das honras mundanas; todos olharam sempre as riquezas não só como espinhos que picam, mas como prestígios, como miragens que enganam, deslumbram e alucinam. Considera Santo Aleixo em seu pequeno aposento debaixo da escada, ou no pórtico da igreja de Edessa. Poucos homens nasceram mais afortunados, segundo o mundo; sua família ilustre por sua antiga nobreza, e sustentada esta com o maior esplendor à custa de um patrimônio opulento; dotado daquelas prendas que não só constituem o mérito na estimação dos homens, mas captam o aplauso e arrastam o coração; jovem airoso, bem disposto, hábil, discreto, sábio, com que honra, com que conveniências, com que esplendor pôde ter vivido em Roma! Mas este jovem cavalheiro tudo abandona por amor de Jesus Cristo; deixa a seu pai, a sua mãe, seus bens, sua esposa no mesmo dia do casamento para entregar-se a uma vida pobre, obscura e abatida, desafiando e acometendo o mundo até em suas mesmas trincheiras. Volta à casa de seus pais; mas para quê? Para viver nela desconhecido, humilhado, abatido, desprezado, com a mais extrema pobreza e numa assombrosa obscuridade. Quantos há no mundo que logram a mesma ventura, mas sem conhecê-la! Se os pobres, se os oficiais, se as pessoas de humilde e obscura condição soubessem aproveitar-se dos meios que seu mesmo estado lhes oferece para tornar-se grandes santos, bom Deus, que bênçãos, que graças não vos dariam por terem nascido pobres! Acabemos já de conhecer o mérito de uma vida obscura, desenganando-nos de que todos os meios que se aplicam e todos os esforços que se fazem para levantar-se do pó são outras tantas diligências para lançá-lo nos olhos, e por isso não se distingue a falsa brilhantura, a vaidade, o nenhum valor, o nada das honras a que com tanto anelo se aspira.

Alumiai-me, Senhor, com vossa divina graça, para que reconheça as grandes vantagens de uma vida obscura, distante do fausto e do tumulto e abrigada contra tantos perigos da salvação. Sim, meu Deus, seja eu esquecido e menosprezado dos homens, contanto que vos ame, que vos sirva, que vos agrade em minha ditosa obscuridade.

Jaculatórias

> *Viam iniquitatis amove a me: et de lege tua miserere mei.* Sl 118.

Desviai-me, Senhor, do caminho da perdição, e sinta eu os efeitos de vossa misericórdia vivendo segundo vossa santa lei.

> *Humiliatus sum usquequaque, Domine; vivifica me secundum verbum tuum.* Sl 118.

Vivo, Senhor, obscuro e humilhado; mas muito contente com esta vida, confiado em vossa divina palavra.

Propósitos

1. És grande no mundo? Vês-te superior aos demais pelos empregos, pela dignidade, pelos talentos e pelas riquezas? Nem por isso te julgues mais ditoso, pois com efeito não o és. Por brilhante que seja tua condição, considera-a como cheia de laços e de perigos; em lugar de tratar com desprezo os que são inferiores a ti por sua humilde e obscura condição, inveja-lhes as vantagens que logram nela; tem-nos por mais ditosos que tu e dobra tua vigilância; vive mais de sobreaviso num estado onde tudo é tentação.

2. És pobre, sem talentos, sem muitos bens de fortuna, sem proteção e sem apoio? Vives esquecido, desconhecido e desprezado? Guarda-te bem de ter-te por infeliz nem de estar desgostoso com tua sorte; antes te deves considerar como mais bem livrado. Considera que muitos príncipes, muitas pessoas que nasceram rodeadas de esplendor, que se criaram entre os prazeres, que se distinguiram no mundo por seus muitos bens de fortuna, que se viram cumuladas de honras, de séquito, de gostos e dos mais lisonjeiros atrativos do mundo, tudo sacrificaram, tudo abandonaram por encerrar-se num claustro, por enterrar-se num deserto, por ter uma vida ainda mais obscura e mais esquecida que a tua, por apagar a memória de seu nome, de seus talentos, de seu mérito pessoal, de seu nascimento e para viver num eterno esquecimento. Está contente com tua sorte: dá mil graças a Deus por tua mediania; mas aproveita-te dos meios que te proporciona para tua salvação. Não invejes a sorte dos ditosos do mundo e tem por certo que algum dia invejarão eles a tua. Bendize ao Senhor todos os dias, porque dispôs que nascesses nesse estado; e, quando vires esses pomposos monstros de mundanidade, esse exterior aparato de brilhantura, sempre enganosa, esse estrépito das grandezas humanas, considera de que servirá tudo isso ao que se condene. De que serve na hora da morte e de que servirá por toda a eternidade ter sido homem grande e não ter sido santo?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:24 by Admin